

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

**A ORGANIZAÇÃO TÓPICO-COMENTÁRIO DO DISCURSO
FALADO: UMA ANÁLISE A PARTIR DE DADOS DO PROJETO
VARSUL**

BRUNA SOUZA PASSOS

PORTO ALEGRE

2015

**A ORGANIZAÇÃO TÓPICO-COMENTÁRIO DO DISCURSO
FALADO: UMA ANÁLISE A PARTIR DE DADOS DO PROJETO
VARSUL**

BRUNA SOUZA PASSOS

Orientador: Prof. Dr. Marcos Goldnadel

Monografia apresentada como requisito para obtenção do Grau de Licenciatura em Letras – Língua Moderna – Inglês pelo Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

PORTO ALEGRE

2015

AGRADECIMENTOS

Meu mais sincero obrigada àquelas que colaboraram para que eu me tornasse quem eu sou hoje. Trago em mim um pedacinho de cada uma de vocês: Neusa, Elisabete e Maria. A vocês dedico não apenas esta conquista, que se materializa através deste trabalho, mas todas as próximas que virão a partir desta.

Agradeço ainda ao meu professor orientador, Marcos Goldnadel, por ter me apresentado a pesquisa e ter me ensinado tanto nesses últimos três anos. O meu êxito acadêmico tem como principal fator o teu incentivo e o teu exemplo inspirador de profissional.

Por fim, agradeço àqueles cujo apoio incondicional e companheirismo garantiram não só minha sanidade nesses anos de graduação como também a motivação para continuar aprendendo, trabalhando, conquistando novos objetivos: Mariana e Douglas, obrigada.

“Science is a bit like the joke about the drunk who is looking under a lamppost for a key that he has lost on the other side of the street, because that's where the light is. It has no other choice.”

Noam Chomsky (1993)

RESUMO

Van Kuppevelt (1995a; 1995b; 1996) afirma que a organização do discurso se dá através da hierarquia entre as estruturas informacionais tópico e comentário, uma vez que há questões constituidoras de tópicos, explícitas ou implícitas, que são motivadoras do desenvolvimento do discurso e suas respostas. Tais questões e respostas surgem para diminuir indeterminações postas no início de um texto falado ou escrito e estruturam o discurso a partir de seus desenvolvimentos. Para elaborar tal teoria, Van Kuppevelt faz uso de exemplos construídos e trechos selecionados de textos jornalísticos, principalmente – os quais corroboram o aparato teórico elaborado. Partindo desses pressupostos, pretende-se aplicar os conceitos propostos pelo autor a trechos de entrevistas sociolinguísticas do Projeto VARSUL, a fim de averiguar sua aplicabilidade e eficácia no que tange a textos falados. Ao se problematizar a análise de fala aos moldes de Van Kuppevelt, objetiva-se ampliar o escopo de uso da teoria, a qual oferece respostas interessantes no que diz respeito à lógica discursiva, e colaborar para o trabalho de futuros pesquisadores que desejem estudar a fala sob essa perspectiva.

Palavras-chave: organização do discurso; Van Kuppevelt; análise de textos falados; tópico-comentário.

ABSTRACT

Van Kuppevelt (1995a; 1995b; 1996) states that discourse is organized through the hierarchy between two information structures: topic and comment. This is so because there are topic questions, which can be explicit or implicit, that motivate the development of discourse and their answers. Those questions and answers arise to diminish indeterminacies established in the beginning of a written or spoken text and to structure discourse according to their development. To create this theory, Van Kuppevelt mainly analyzes constructed examples and chosen fragments of newspaper texts – which support his theory. Based on these assumptions, this paper aims to apply the author's concepts to fragments of sociolinguistic interviews from VARSUL Project, in order to confirm the concepts validity and efficiency concerning speech. In problematizing the analysis of spoken discourse in Van Kuppevelt's perspective, the main objectives are to widen the scope of use of this theory, which offers interesting answers concerning discourse logic, and to collaborate to the work of future researches who aim to study speech in this approach.

Keywords: discourse organization; Van Kuppevelt; spoken discourse analysis; topic-comment.

SUMÁRIO

1. LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS.....	8
2. INTRODUÇÃO.....	9
3. REFERENCIAL TEÓRICO.....	12
4. ANÁLISE DE DADOS.....	23
4.1 TRECHO DE FALA 1.....	24
4.2 TRECHO DE FALA 2.....	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35

1. LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

F: *feeder*, termo que significa “alimentador” do discurso. Aparece no início de um processo de questionamento, motivando-o.

Q: pergunta explícita, ou seja: esta questão foi realmente enunciada.

A: resposta explícita.

<Q>: questão implícita, ou seja: não foi enunciada, mas inferida a partir do contexto.

<A>: resposta implícita.

F: falante.

E: entrevistador.

2. INTRODUÇÃO

A pesquisa linguística é conhecida pelo amplo campo de trabalho que abarca, visto que as abordagens de estudo são múltiplas e que o objeto de estudo em si, ainda que passível de formalizações e universalizações, é muitas vezes desafiador e escorregadio para o pesquisador. No que concerne ao estudo do texto, é igualmente possível que se admitam inúmeros pontos de vista; entretanto, subjaz a todos esses pontos de vista uma questão mais primária: que fatores tornam um texto, falado ou escrito, coerente? Tal questionamento se faz relevante quando se considera que qualquer falante discerne intuitivamente um bom texto de um texto mal formado e, principalmente, que falantes produzem textos coerentes de diversos tipos instintivamente. É nessa esfera de abordagem, a textualidade, que se situa o presente trabalho, que se propõe a aplicar uma teoria linguística relevante no campo da estrutura informacional a trechos de língua falada retirados de entrevistas sociolinguísticas do Projeto VARSUL, a fim de investigar os benefícios oferecidos pela teoria e os possíveis problemas em sua aplicação.

A teoria a ser verificada encontra-se em alguns artigos escritos por Van Kuppevelt nos anos de 1995 e 1996, um conjunto de textos em que o autor elabora uma teoria acerca da organização do discurso, afirmando que sua estrutura obedece a uma organização que pode ser descrita a partir das noções de tópico e comentário. O tópico, nessa visão, corresponde à porção de conteúdos compartilhados presentes em questões (questões constituidoras de tópico) cuja finalidade é, à medida que o discurso se desenvolve, reduzir um conjunto de indeterminações discursivas até que todas tenham sido satisfatoriamente eliminadas¹.

Objetiva-se, então, aplicar esses conceitos – originalmente empregados em exemplos construídos pelo autor ou em textos escritos por ele selecionados – a transcrições de textos reais de fala presentes nas entrevistas do VARSUL, a fim de verificar a aplicabilidade dos conceitos da teoria desenvolvida por Van Kuppevelt a

¹ Essa noção de tópico diferencia-se da elaborada por Lambrecht (1994), por exemplo, em que a estrutura informacional de tópico está fortemente relacionada à noção de *aboutness* de uma sentença. Nessa perspectiva, para se definir qual o tópico, deve-se primeiramente entender sobre quem a proposição é feita ou faz referência. O tópico é, pois, a questão de interesse ou debate na sentença, o referente sobre o qual algo é dito.

outros tipos de textos. Por uma limitação de tempo, são analisados apenas dois trechos de entrevistas, os quais são representativos da fala atual de falantes de português brasileiro e úteis a uma reflexão inicial sobre os desafios que a fala espontânea pode apresentar para uma teoria da organização do discurso como a proposta pelo autor. O objetivo, portanto, é averiguar se os conceitos propostos bastam para a análise de textos orais e se são verificáveis em textos falados.

Atenção especial é dedicada à direcionalidade do discurso, que é o movimento discursivo em direção à resposta mais satisfatória para as indeterminações correntes, que, na perspectiva teórica de Van Kuppevelt, pode ser *forward*, *backward* ou *bidirecional*. Depreende-se dos exemplos trazidos pelo autor que a direcionalidade *forward* está diretamente relacionada a respostas quantitativas, enquanto a *backward*, a qualitativas; no entanto, a fala pode apresentar estruturas que se distanciam das fórmulas comuns ao texto escrito, o que pode motivar uma revisão de certas correlações estabelecidas pelo autor.

Os exemplos de Van Kuppevelt levam ainda a crer que, em contexto de questão implícita, o espaço a ser preenchido pelo interlocutor em sua interpretação é pequeno, característica essa que é bastante plausível em textos jornalísticos, por exemplo, em que, para evitar mal entendidos, deixa-se pouco conteúdo para ser inferido pelo leitor. Nos textos falados, todavia, é possível observar um espaço bem maior para construções inferenciais.

O presente trabalho almeja, portanto, verificar a aplicabilidade e eficácia da teoria de organização discursiva proposta por Van Kuppevelt, a fim de ampliar o seu escopo de utilização e colaborar para o trabalho de futuros pesquisadores. É motivado, principalmente, por investigações anteriores realizadas durante três anos de iniciação científica, junto ao professor Marcos Goldnadel, em que nos dedicamos à investigação da dupla negação, o que nos oportunizou o estudo de relevantes teóricos na área de estrutura informacional. Durante essas pesquisas, utilizamos como principal recurso entrevistas sociolinguísticas cedidas pelo projeto VARSUL, parte de um vasto banco de dados, que eram ideais para o estudo do fenômeno, razão pela qual ainda faço destas entrevistas principal artifício de pesquisa.

O trabalho está organizado e estruturado da seguinte forma: a seção três consiste no referencial teórico, em que discorro brevemente sobre os trabalhos de Van Kuppevelt

acerca das estruturas informacionais tópico e comentário como fatores decisivos na organização do discurso; a seção quatro apresenta a análise de dados, em que aplico os conceitos discutidos na seção prévia a dois trechos de entrevistas sociolinguísticas, e discuto as formalizações realizadas e os possíveis problemas provenientes delas; finalmente, a seção cinco contém as considerações finais, onde comento a efetividade da teoria, seus desafios e as possibilidades de adaptação que futuros pesquisadores podem fazer ao trabalharem com os estudos de Van Kuppevelt.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Van Kuppevelt, em seus artigos denominados *Discourse structure, topicality and questioning* (1995a), *Main Structure and Side Structure in Discourse* (1995b) e *Directionality in Discourse Prominence Differences* (1996), a partir da análise de textos escritos, discute principalmente o papel da topicalidade na organização do discurso. Tais artigos elaboram, sob diferentes pontos de vista, a forma como a estrutura tópica colabora para a coerência discursiva e, juntos, apresentam conceitos relevantes para uma descrição articulada do discurso.

Segundo Van Kuppevelt, a topicalidade (a qual compreende a noção de tópico sentencial e de unidades maiores do discurso) pode ser identificada na segmentação e na estrutura hierárquica do discurso. Para demonstrar essa organização, o autor associa cada tópico a uma pergunta, real ou virtual, e cada comentário a uma resposta a cada uma das perguntas identificadas. Na perspectiva adotada, o discurso é orientado para o interlocutor, uma vez que é desenvolvido visando satisfazer seus questionamentos ou, em alguns casos, o que o falante supõe que sejam seus questionamentos.

Segundo a teoria elaborada, portanto, um tópico associado a uma unidade discursiva é constituído por questões explícitas ou implícitas, e o comentário, por suas respostas. Uma questão explícita é aquela enunciada por um interlocutor em um discurso; uma questão implícita é a que o falante supõe – baseado no que ele sabe que é ou espera que seja o *background* do seu interlocutor e seus prováveis padrões de reação – que pode surgir na mente do interlocutor quando ele interpreta o dito anteriormente ou quando ocorrem eventos não-linguísticos durante a conversação, (como ruídos, por exemplo). No caso de uma pergunta implícita, o falante assume que seu interlocutor precisa de uma resposta para compreender melhor o discurso em curso e responde essa questão, ainda que ela não tenha sido de fato perguntada. São esses questionamentos, pois, que motivam o desenvolvimento de um discurso e explicam, de certa forma, a sua lógica interna.

É importante notar que o tópico é motivado, ou seja, para que seja instituído é necessário que haja um *feeder*. Um *feeder* é um “alimentador” do discurso, podendo ser um evento linguístico ou não-linguístico que tem como função iniciar ou reiniciar o

processo de questionamento. Ele só surge quando há um contexto vazio, o início de uma conversa, por exemplo, ou quando o contexto precedente já não induz mais a perguntas, e os participantes desejam continuar a conversa. Para melhor elucidar os conceitos já explicitados, trago exemplos retirados dos artigos de Van Kuppevelt usados como referência, junto de suas formalizações propostas pelo autor:

Exemplo 1: F1 “Bang”

Q1 B: O que é isso?

A1 A: O Bill está chegando.

Nesse exemplo, o *feeder* do discurso foi um ruído. Esse evento (não-linguístico) motiva o processo de questionamento. A questão explícita Q1 é uma questão constituidora de tópico, ou seja, instaura um tópico principal para o discurso e inicia seu desenvolvimento. A1 é o comentário do tópico e responde à questão que emerge. Pode-se imaginar, no entanto, um contexto análogo em que a questão Q1 seja implícita. Essa mudança não alteraria o sentido do discurso, de acordo com essa teoria, pois significaria apenas que Q1 foi considerada pelo falante A uma questão relevante para seu interlocutor e, portanto, antecipada.

Exemplo 2: F1 A: Mary está de férias.

Q1 B: Quando ela entrou de férias?

A1 A: Ontem.

F2 A: Amanhã, após vários anos, George vai se candidatar outra vez para uma vaga de trabalho.

Q2 B: Por quê?

A2 A: Uma empresa concorrente da empresa em que ele trabalha convidou-o a candidatar-se para a posição de diretor assistente.

O exemplo acima ilustra *feeders* linguísticos, representados por F1 e F2. F1 é um *feeder* que surge em um contexto vazio, iniciando o discurso e instituindo uma questão constituidora de tópico, enquanto F2 surge no meio do discurso quando não há mais questionamentos a serem feitos pelo interlocutor sobre o contexto precedente, abrindo a

oportunidade para novas questões constituidoras de tópico. Nessa perspectiva, um *feeder* gera um conjunto de indeterminações, permitindo o surgimento de questões formadoras de tópico, cujo fundamental objetivo é reduzir esse mesmo conjunto de indeterminações.

No entanto, nem todas as questões respondidas em um discurso são independentes de outras questões, como os exemplos acima podem sugerir. Há o que, na perspectiva do autor, são subquestões, as quais são hierarquicamente subordinadas a questões precedentes e visam também a desenvolver o tópico em curso. Essas subquestões são subservientes à tarefa de prover uma resposta satisfatória à questão constituidora de tópico. Tal tipo de questão é o resultado de uma resposta insatisfatória à questão anterior mais recente, isto é, se uma questão constituidora de tópico é respondida insatisfatoriamente, surge uma subquestão, que, se respondida insatisfatoriamente, faz surgir uma nova subquestão e assim recursivamente até que a questão constituidora de tópico tenha sido respondida de maneira suficiente. Esse é o caso do exemplo a seguir, em que a resposta satisfatória da questão constituidora de tópico Q1 é dada em estágios, através das subquestões Q2 e Q3.

Exemplo 3: F1 A: Mary está preocupada.

Q1 B: Por quê?

A1 A: John, seu marido, quer comprar um gravador DAT.

Q2 B: Por que ela está preocupada com isso?

A2 A: Ela está preocupada com isso porque ele não tem dinheiro suficiente, então tem que pedir emprestado.

Q3 B: Por que isso é um problema?

A3 A: Ele já tem várias dívidas.

A noção de insatisfação pode variar, uma vez que depende do interesse e do conhecimento do interlocutor. Porém, basicamente, uma resposta insatisfatória pode ser de duas naturezas: qualitativa ou quantitativa. Se qualitativa, como é o caso do exemplo 3, um ou mais elementos trazidos por A precisam de elucidação (no exemplo, elementos

questionados em Q2 e Q3). Por outro lado, se quantitativa, nem todos os elementos do tópico definido pela questão foram especificados, como se vê no contexto a seguir:

Exemplo 4: F1 A: Ontem Harry, Paul e minha tia vieram para o meu aniversário.

Q1 B: O que eles te deram de presente?

A1 A: Do Paul, ganhei um livro e do Harry, flores.

Q2 B: E da sua tia, o que você ganhou dela?

A2 A: Da minha tia, nada.

Nesse caso, a pergunta Q1 faz supor a existência de um presente para cada convidado. Dessa forma, A1 não resolve a indeterminação pendente, pois um membro do conjunto convidado-presente está sem seu par. Por isso, considera-se A1 insatisfatória quantitativamente.

As subquestões apontam para uma importante qualidade dos discursos: a direcionalidade. Direcionalidade é a propriedade de um discurso, ou parte dele, ser dirigido a um objetivo, o que implica relações funcionais assimétricas entre as unidades textuais envolvidas. O texto, portanto, divide-se em segmentos relacionados, mas subservientes uns aos outros. Existem três tipos de direcionalidade, caracterizadas segundo o tipo de subordinação presente: *forward*, *backward* e *bidirecional*. No exemplo 4, acima exposto, temos um exemplo de direcionalidade *forward*, dado que é necessária uma extensão quantitativa que faça a resposta A1 mais específica, e o comentário que termina de satisfazer a questão aparece somente no final, em A2. O movimento do discurso, ou seja, a forma que ele adquire no que diz respeito a responder adequadamente a questão vigente, é de cima para baixo. Nesse exemplo, nenhuma das sentenças pode ser excluída, já que a resolução da questão-tópica em curso se dá em estágios, através de A1 e A2. A direcionalidade *backward* se dá ao contrário: a resposta completa é dada no início no discurso. Nem sempre ela é aceita pelo interlocutor, por isso se faz necessária uma justificação. Esse é o tipo de caso que Van Kuppevelt considera uma ilustração do movimento *backward*, já que há um apoio à resposta. Isso faz com o que a forma do discurso – no que diz respeito ao encontro da resposta mais completa – seja de baixo para cima, como no exemplo 3 e no transcrito abaixo:

Exemplo 5: F1 A: É bom para o Tom comprar um carro agora.

Q1 B: Por quê?

A1 A: Comprar um carro é provavelmente favorável para ele agora e não será ruim para a sua saúde.

Q2 B: Por que comprar um carro é provavelmente favorável para ele agora?

A2 A: Espera-se que as despesas com carros diminuam.

Q3 B: Por qual motivo?

A3 A: A gasolina vai ficar significativamente mais barata.

Q4 B: Por que comprar um carro não será ruim para a sua saúde?

A4 A: Ele se exercita todos os dias.

Nesse exemplo, a resposta mais específica para a pergunta Q1 é A1, que responde quantitativamente a pergunta vigente. Essa resposta não é, contudo, admitida pelo interlocutor, que ainda necessita de mais esclarecimentos para que Q1 seja respondida satisfatoriamente. Assim, através de Q2, Q3 e Q4, B incita o desenvolvimento do discurso, com objetivo de esclarecer a resposta dada em A1; nesse mesmo sentido, o falante A, com A2, A3 e A4 elabora sua resposta dada em A1, complementando seu conteúdo. Aqui seria possível, ao contrário do exemplo 4, excluir as informações após A1, uma vez que as frases que a seguem não mais respondem a questão-tópico “Por que é bom para o Tom comprar um carro agora?”, mas aclaram o conteúdo de A1. Logo, esse é um exemplo de direcionalidade *backward*, já que a “melhor” resposta é dada logo no início e após há justificações, esclarecimentos.

O último tipo de direcionalidade, a bidirecionalidade, caracteriza textos em que não há assimetria entre as partes, pois ambas contribuem igualmente para o objetivo do texto, de forma que sozinhas não respondem a questão vigente. Isso pode ser observado no exemplo a seguir, onde há uma relação de bidirecionalidade: tanto A1 como A2 são igualmente relevantes, uma vez que contribuem na mesma medida para o desenvolvimento do tópico desenvolvido a partir do *feeder*.

Exemplo 6: F1 Questões a respeito da efetividade da terapia geram dúvidas sobre o tratamento da doença.

<Q1> Quais os problemas?

A1 Os pacientes mais velhos, se não tiverem seus pequenos tumores tratados, podem morrer por outras causas.

<Q2> E o que mais?

A2 Muitos homens, velhos e novos, enfrentam impotência e incontinência como resultados da terapia.

Além disso, para Van Kuppevelt, há princípios que regem o processo de subquestionamento no discurso: o Princípio da Recência e o Princípio da Finalização de Tópico.

Todo surgimento de subquestão é regido pelo Princípio da Recência. De acordo com esse princípio, em um discurso bem formado, toda subquestão implícita ou explícita surge como resultado de uma resposta A, que é a resposta insatisfatória mais recente para uma questão precedente. Esse princípio não pode ser violado, uma vez que essa tentativa resulta em má formação ou em reinterpretação do discurso de forma que, ainda assim, esse princípio pode ser observado. Para ilustrá-lo, são utilizados os seguintes contextos:

Exemplo 7: F1 A: É bom para o Tom comprar um carro agora.

Q1 B: Por quê?

A1 A: Comprar um carro é provavelmente favorável para ele agora e não será ruim para a sua saúde.

Q2 B: Por que comprar um carro é provavelmente favorável para ele agora?

A2 A: É esperado que as despesas com carros diminuam.

Q3 B: Por qual motivo?

A3 A: A gasolina vai ficar significativamente mais barata.

Q4 B: Por que comprar um carro não será ruim para a sua saúde?

A4 A: Ele se exercita todos os dias.

Exemplo 7': F1 A: É bom para o Tom comprar um carro agora.

Q1 B: Por quê?

A1 A: Comprar um carro é provavelmente favorável para ele agora e não será ruim para a sua saúde.

Q2 B: Por que comprar um carro é provavelmente favorável para ele agora?

A2/F2 A: É esperado que as despesas com carros diminuam.

Q3 B: Por que comprar um carro não será ruim para a sua saúde?

A3 A: Ele se exercita todos os dias.

Q4 B: Por qual motivo espera-se que as despesas com um carro diminuam?

A4 A: A gasolina vai ficar significativamente mais barata.

No contexto 5, há duas respostas insatisfatórias, A1 e A2, as quais oportunizam o surgimento de novas subquestões, cujo objetivo é responder satisfatoriamente a questão constituidora de tópico Q1. Já no exemplo 5', a alteração na sequência original transforma A2 em um novo *feeder*, que motiva o surgimento de Q4. A resposta A2 é reinterpretada como *feeder*, pois, de acordo com o Princípio da Recência, subquestões surgem imediatamente após uma indeterminação, sendo assim, Q4 não pode ser interpretada como subquestão de A2. Por esse motivo, considera-se A2 como *feeder*, já que motiva Q4, a qual surge momentos depois no discurso.

O Princípio da Finalização de Tópico, por outro lado, não rege apenas as subquestões. Basicamente, assume-se que a finalização do tópico é um processo dinâmico. Se uma (sub)questão implícita ou explícita é respondida satisfatoriamente, o processo de questionamento associado à ela é finalizado e, conseqüentemente, o tópico perde sua relevância no discurso. Todavia, uma vez constituído um (sub)tópico, sua relevância não é necessariamente preservada até o final do discurso: interrupções ou interferências de outro tópico, por exemplo, podem levar à sua interrupção. Assim, a

introdução de um novo (sub)tópico não significa sempre que o (sub)tópico anterior perdeu relevância.

Nessa proposta de análise da organização do discurso, os tópicos e subtópicos são estruturas centrais. Essas podem ser compreendidas por uma superestrutura chamada tópico discursivo, a qual se define essencialmente pelo conjunto de tópicos constituídos como resultado de um mesmo *feeder*. Na hierarquia proposta, um tópico discursivo é de ordem mais elevada e pode compreender tópicos sentenciais (originados pelas questões constituidoras de tópico), os quais podem compreender tópicos de menor ordem (subquestões). Isso significa que um tópico discursivo usualmente se forma a partir de vários tópicos; todavia, também é possível que um *feeder* gere apenas um tópico.

Para definir tópico discursivo e sua constituição, Van Kuppevelt elabora a distinção de discurso ligado e discurso livre. Um discurso ligado tem como propriedade um tópico discursivo principal, instaurado no início do discurso, o qual controla o desenvolvimento desse pelo conjunto de questões constituidoras de tópico que definem o tópico discursivo, envolvendo apenas um passo de produção. É o caso de narrativas, por exemplo, cuja estrutura é determinada por uma única questão (como “o que João fez nas férias?”), geralmente implícita, que controla direta ou indiretamente as outras questões que surgem durante a narrativa, isso porque são subservientes ao programa associado a essa única questão implícita. O discurso livre, pelo contrário, é determinado por um conjunto de tópicos discursivos, vários passos de produção, por conseguinte. Seu desenvolvimento não é, portanto, programado por um único conjunto de questões constituidoras de tópicos instaurado no início do discurso, pois não há um só tópico discursivo. É o caso de uma conversa despretensiva, por exemplo, em que há flexibilidade na variação de tópicos discursivos.

Partindo de todos esses conceitos, Van Kuppevelt, em *Main Structure and Side Structure in Discourse* (1995), elabora a questão de diferenças de proeminência das partes do discurso. Para isso, toma como base as narrativas, principalmente, as quais já eram objeto de investigações anteriores. Pode-se dizer que um discurso bem formado nunca é homogêneo, pois existe assimetria entre as partes que o formam. Em uma narrativa, por exemplo, há o que se chama de *foreground*, os eventos que compõem o enredo, em contraponto ao *background*, eventos que estão relacionados, mas que são

intervenientes e dão suporte ao *foreground*. Autores anteriores a Van Kuppevelt tratavam a questão da assimetria de forma binária, afirmando a existência de duas estruturas apenas: a principal e a lateral. Van Kuppevelt, por outro lado, cria uma estrutura intermediária, a subestrutura, por acreditar que nem tudo que não responde diretamente à questão-tópica vigente é uma estrutura lateral: alarga-se, pois, a noção de estrutura principal, adicionando-se a ela a subestrutura.

Ao assumir que a estrutura tópico-comentário reflete a estrutura do discurso, Van Kuppevelt assume uma distinção entre os diferentes níveis do discurso. Assim, propõe que não há apenas uma estrutura principal e uma lateral, mas uma estrutura principal, uma subestrutura e uma estrutura lateral. Resumidamente, pode-se dizer que a estrutura principal é analisada como o conjunto de respostas que colabora diretamente para a solução da questão-tópica principal (ou de um conjunto de questões-tópicas). As subestruturas são provenientes de subquestões e servem para completar a estrutura principal, sendo parte dela, já que implicam a continuação do tópico principal, ou seja: colaboram, mas indiretamente, para a resolução da questão-tópica. A estrutura lateral, por outro lado, é caracterizada como uma digressão, uma vez que se afasta da questão formadora de tópico, já que não visa a respondê-la; é, portanto, um desvio do programa instituído pela questão-tópica, uma mudança de assunto repentina. Sua argumentação está, portanto, em favor de um conceito mais abrangente de estrutura principal, pois todo conteúdo de *background* relevante é tratado como uma subestrutura da parte principal do discurso, não como estrutura lateral.

Sua particularidade é, portanto, a criação de um nível intermediário, a subestrutura, já que toda estrutura que não responde diretamente ao tópico do discurso era considerada uma estrutura lateral. Todavia, as estruturas laterais implicam digressão tópica, que é a interrupção do programa associado à questão constituidora de tópico e a introdução de um novo tópico quando o antigo ainda é relevante. A digressão faz com que o tópico em curso, o interrompido, perca sua proeminência, temporária ou definitivamente, uma vez que há a introdução de um novo tópico. As subestruturas, por outro lado, implicam um material de *background* relevante para o *foreground* e completam a resposta ao tópico de uma maneira quantitativa ou qualitativa. No contexto a seguir, por exemplo, <Q2'> e <Q3'> completam quantitativamente o discurso, colaborando para o seu enredo, sendo consideradas, pois, subestruturas – e não estruturas laterais.

Exemplo 8: F1 ...

Q1 A: O que aconteceu com RJ?

A1 B: Seis anos atrás ela desapareceu misteriosamente.

<Q2> <E então o que aconteceu?>

A2 Ainda que as autoridades tivessem um suspeito, as investigações pararam.

<Q2'> <Por que você acha que as investigações pararam (e não foram, por exemplo, continuadas em segredo)?>

A2' Um porta-voz confirmou que eles perderam o link final.

<Q3> <E então o que aconteceu?>

A3 Dois anos atrás encontraram seu corpo em uma sepultura em North Coast.

<Q3'> <Onde ela foi encontrada?>

A3 Foi encontrada perto de Eureka.

<Q4> <E então o que aconteceu?>

A4 Agora as autoridades tem uma nova teoria assustadora sobre o que pode ter acontecido com ela.

Observa-se, portanto, que Van Kuppevelt amplia significativamente os estudos sobre topicalidade, conferindo-lhe complexidade e atribuindo-lhe importante papel na organização discursiva, especialmente por ampliar a noção de estrutura principal, considerando, então, parte integrante e relevante do discurso informações que não colaboram diretamente para a resposta, mas ajudam de certa forma a resolver as indeterminações pendentes. Tal contribuição ganha destaque na análise de textos falados, em que falantes utilizam diferentes recursos, como experiências pessoais e histórias, para ilustrarem suas falas e ajudá-los a resolver a questão-tópica em curso. A noção de hierarquização da estrutura de tópico proposta é crucial para essa perspectiva, porque evidencia não só questões de ordem e proeminência discursiva, mas também de

intenção do falante, uma vez que orienta o discurso para o interlocutor e aquilo que se imagina que seja relevante para ele, suas necessidades e seu conhecimento de mundo.

4. ANÁLISE DE DADOS

O modelo de organização do discurso proposto por Van Kuppevelt possui alta aplicabilidade quando levados em consideração os exemplos por ele criados ou até mesmo trechos de textos escritos selecionados. Ao aplicar-se tal proposta a trechos de fala espontânea, todavia, começam a surgir alguns problemas de análise, uma vez que a disposição da informação é capaz de variações que o autor não prevê.

Um desses problemas é a premissa de que em contexto de questão implícita só há “espaço” para inferir uma pergunta. Tal característica, ainda que seja amplamente confirmada em textos variados, não é verificada integralmente, haja vista que há um maior “espaço” a ser preenchido com inferências na fala. Portanto, muitas vezes é necessário supor uma quantidade substancial de conteúdo implícito. Outro problema é o fato de a fala possuir uma organização de informação mais flexível, permitindo um maior desenvolvimento de subestruturas e, em decorrência disso, apresentando um maior número de reiteraões e voltas a níveis superiores no discurso. A análise de trechos de fala espontânea pode, portanto, levar a um alargamento de certos ou conceitos ou até mesmo à criação de novos.

Outra consequência da aplicação da teoria a textos falados é a reformulação dos movimentos discursivos propostos pelo autor: *forward* e *backward*. A partir do momento em que há uma pergunta-tópico em jogo, há uma indeterminação a ser preenchida quantitativamente. Os movimentos do discurso são observados através da forma que esse toma em relação à resposta quantitativa. Assim, *backward* (de baixo para cima) significa que primeiramente há a resposta quantitativa necessária para resolver a questão posta, seguida por justificações, elucidações (respostas qualitativas), as quais não mais respondem a questão-tópica, mas adicionam informação à resposta quantitativa dada. *Forward* (de cima para baixo), por outro lado, significa que a resposta quantitativa, a “melhor” resposta, é a última resposta, e que as anteriores a ela não especificavam todos os elementos necessários.

Em seus exemplos, Van Kuppevelt faz supor que extensões qualitativas possuem uma relação intrínseca com o movimento *backward*, porque introduzem um comentário elucidativo apenas depois da resposta quantitativa, o que realmente parece ser o mais

comum nos textos em geral. Nessa perspectiva, não existem respostas qualitativas que antecedam as respostas quantitativas. No discurso falado, no entanto, é possível encontrar essa configuração, o que, na nomenclatura de Van Kuppevelt, caracterizaria um movimento *forward* diferente daquele por ele previsto, em que o(s) comentário(s) iniciais não contribuem com informação de caráter quantitativo. Sendo assim, embora haja uma forte correlação entre extensão qualitativa e movimento *backward*, haveria casos de extensões qualitativas iniciando o movimento *forward*.

A fim de avaliar tais questões, nesta seção serão propostas análises de trechos retirados de entrevistas sociolinguísticas do projeto VARSUL, da década de 90, de acordo com as formalizações e conceitos propostos por Van Kuppevelt, além de questões a serem discutidas e limitações da teoria no que tange à língua falada. Os trechos de fala serão primeiramente apresentados em formato de texto e serão seguidos pelas sugestões de formalização e seus comentários.

4.1 TRECHO DE FALA 1

E: (...) A única coisa que faz a minha cabeça mesmo é a minha família. Essa aí faz a minha cabeça, né? Meus filhos. A minha esposa, esses aí, sim.

E: E sete.

F: É. Esses aí fazem, é.

E: Vivia com um lá na minha casa e já ficava louca!

F: Já é difícil, né? Minha filha mais velha agora está pra casar agora em setembro do ano que vem, ela vai casar, né? Então já planejaram, já marcaram tudo. Aí sempre diz: “Olha, no mínimo um caszinho, né?” Mais do que dois nós não aconselhamos a ter porque é bah! Não é fácil não. Do jeito que está o negócio, não. Carne e café preto então – (riso geral).

FORMALIZAÇÃO DO TRECHO DE FALA 1

A formalização adotada corresponde em sua maioria aos códigos criados por Van Kuppevelt, com algumas adaptações advindas das características dos trechos de fala. Assim, se utiliza: Q, para perguntas; A, para respostas; F, para *feeder*;

encaixamento à direita, para subnível discursivo (subquestão e subestrutura); parênteses angulados (<>), para conteúdo implícito; itálico, para inferências. Como os trechos de fala são retirados de entrevistas sociolinguísticas, há ainda os códigos E e F, os quais correspondem respectivamente a entrevistador e falante.

Abaixo segue o primeiro trecho analisado:

F1 F: A única coisa que faz a minha cabeça mesmo é a minha família. Essa aí faz a minha cabeça, né? Meus filhos. A minha esposa, esses aí, sim.

[Tópico discursivo: A família]

<Q1a> E: E sete. [*<Q1a> ter muitos filhos dá muito trabalho?*]

<Q1b> Os filhos fazem a tua cabeça?

A1b F: É. Esses aí fazem, é.

<Q1a'> E: Vivia com um lá na minha casa e já ficava louca! [*<Qa'> ter muitos filhos dá muito trabalho?*]

A1a' F: Já é difícil, né?

<Q2> O que justifica essa opinião?

A2 {

- <Q3> Você pode me dar um exemplo?
- A3 F: Minha filha mais velha agora está pra casar agora em setembro do ano que vem, ela vai casar, né?
- <Q4> O que aconteceu?
- A4 F: Então já planejaram, já marcaram tudo.
- <Q5> O que aconteceu?
- A5 F: Aí sempre diz: “Olha, no mínimo um casalzinho, né?” Mais do que dois nós não aconselhamos a ter

A1a' F: porque é bah! Não é fácil não.

<Q6> Por que não é fácil?

A6 F: Do jeito que está o negócio, não.

<Q7> Por que o negócio está ruim?

A7 F: Carne e café preto então (riso geral).

Na tentativa de transpor os conceitos criados por Van Kuppevelt para as entrevistas sociolinguísticas surgem algumas dificuldades. A principal delas advém da grande parcela de significado que deve ser preenchida pelo interlocutor, em sua interpretação, através das inferências. Assim, há grandes chances de haver más interpretações e desvios da intenção inicial do falante.

O trecho acima é uma boa ilustração dessa particularidade: essa conversa inicia-se com um impasse, já que o entrevistador (E) tenta dar início a um tópico que o falante (F) não compreende ou aceita imediatamente. Ao dizer “E sete”, E tenta iniciar um processo de questionamento a respeito da dificuldade em se ter tantos filhos; F, no entanto, infere uma outra pergunta, Q1b, e a responde. Dessa forma, E precisa reforçar a questão-tópica em Q1a’ para que ela seja aceita por F. Essa situação, por exemplo, não ocorreria em textos escritos; no entanto, é bastante comum na fala.

A primeira frase desse diálogo, F1, funciona como um *feeder*, já que é o seu ponto de partida. A partir dele, origina-se o tópico discursivo, nesse caso, “a família”, que se dá através dos tópicos que constituem esse discurso, originados por F1.

Uma vez instituído o tópico sentencial, F responde-o quantitativamente com “Já é difícil, né?”, em A1a’, resposta que acaba com a indeterminação aberta pela questão-tópica Q1a’. Contudo, tal resposta é seguida por uma narração, a história do casamento de sua filha, iniciada em Q2, uma subquestão implícita surgida a partir de A1a’, que instaura uma subestrutura, e é respondida por A2. A resposta A2, por sua vez, concretiza-se através de diversos passos discursivos, que formam a narração: Q3 e A3, Q4 e A4 e Q5 e A5. Essa é uma configuração ausente nos exemplos trazidos por Van Kuppevelt, mas que demonstra uma organização discursiva bastante possível na fala: o comentário a Q2, A2, é uma narração, composta por três outros comentários (A3, A4 e A5). Isso significa que toda a narração, representada por A2, se dá não através de um comentário associado a um tópico, mas através de três comentários associados a três

subquestões que, em conjunto, respondem ao subtópico Q2. Logo, é provável que a estrutura tópico-comentário de textos falados não obedeça à correspondência um para um, uma vez que os segmentos textuais possuem funções específicas no texto, as quais influenciam diretamente na interpretação das estruturas informacionais.

Esse trecho representado por A2 oferece grande desafio para análise, portanto, ainda que seja perfeitamente inteligível e tenha um papel claro no discurso, porque assume uma forma mais complexa do que as previstas por Van Kuppevelt. Neste trecho, a subestrutura, iniciada em Q2, surge como uma extensão qualitativa para A1a' e possui papel de justificação para essa resposta, pois oferece um motivo empírico para F acreditar que ter muitos filhos é difícil: “é tão difícil que não recomendaria minha própria filha a ter mais de dois filhos”. Nesta porção do texto segue-se, portanto, a ordem prevista pela teoria, a *backward*, já que a resposta quantitativa (A1a', que fornece a informação necessária para a resposta) é seguida pela qualitativa, a qual é de natureza mais explicativa e adiciona uma informação de caráter adicional à A1a'.

A narrativa sobre o casamento é seguida por A1a'', assim convencionada por caracterizar uma reiteração da resposta dada em A1a', retomando-a e realizando, pois, uma volta a um nível superior do discurso. Essa retomada é necessária para que o interlocutor de F não esqueça do tópico norteador do discurso, mesmo após uma aparente “mudança de assunto” – a qual, descobre-se ao final da narrativa, colabora para a resolução do tópico.

Depois de A1a'', há uma nova adição de informação extra, dessa vez acerca da causa para “não ser fácil”, que pode ser obtida através da inferência “o custo de vida está alto”, com base especialmente em A7. A existência de A1a' e A1a'' leva à observação de duas funções para as extensões qualitativas: causal e explicativa. Pode-se compreender melhor esses dois conceitos através das orações subordinadas causais e coordenadas explicativas. A frase “A grama está molhada porque choveu” é composta por uma oração subordinada causal, já que a oração introduzida por “porque” apresenta a causa para o estado “grama molhada”. Desse mesmo modo, as extensões qualitativas causais indicam uma causa para um evento – ou uma opinião, como no trecho comentado acima, em que A6 e A7 constituem a causa para “não ser fácil”. Na frase “Choveu, porque a grama está molhada”, a oração iniciada com “porque” não introduz uma causa para ter chovido, pelo contrário: apresenta uma explicação para se acreditar

que tenha chovido. Em contextos de fala, a justificativa geralmente se dá através de experiências pessoais, motivos empíricos – nesse caso, através da narração de uma história pessoal, que dá uma explicação para que se acredite no fato da vida estar difícil, constituindo, pois, uma extensão qualitativa explicativa.

De modo geral, pode-se dizer que esse fragmento de entrevista é bastante representativo no que diz respeito à fala informal, não planejada, de falantes de português brasileiro, dado que sua organização, ainda que desafiadora para a formalização proposta por Van Kuppevelt, é transparente quanto a objetivos e intenções dos falantes.

4.2 TRECHO DE FALA 2

F: É legal pegar na mão de morto. Você já pensou ele mexer com o dedinho lá? (risos geral)

E: Ele suspira, né? Porque é normal sair o ar dos pulmões, às vezes acontece ele dar um suspiro. (risos)

F: Eu sempre digo assim brincando, sabe? Às vezes eu falo assim, mas dá medo, né? Às vezes numa dessas, a gente morre e ainda vai fazer mesmo. Eu pego às vezes quando estou braba falo: “Vocês vão ver a hora que eu morrer, se vocês...” Por que eu não gosto de flor e nem vela, sabe? Não gosto mesmo! Vela tem o cheiro ruim, né? Flor tem um cheiro de defunto. Já sou uma defunta, agora ainda mais flor em cima de mim, aquela cheiro horrível assim no meu nariz. Ai Jesus! Né? Eu não quero não. Eu sempre digo aqui, né? Quando eu morrer eu não quero nem flor e nem vela. Se vocês forem pôr flor e vela no meu caixão, eu sempre falo, eu levanto do caixão, sento no caixão, faço todo mundo correr da sala.

FORMALIZAÇÃO DO TRECHO DE FALA 2

F1 F: É legal pegar na mão de morto. Você já pensou ele mexer com o dedinho lá? (risos geral)

[Tópico discursivo: Morto que se mexe em seu velório]

E: Ele suspira, né? Porque é normal sair o ar dos pulmões, às vezes acontece ele dar um suspiro. (risos) [*aceitação do tópico pelo entrevistador*]

F: Eu sempre digo assim brincando, sabe? Às vezes eu falo assim, mas dá medo, né? Às vezes numa dessas, a gente morre e ainda vai fazer mesmo. Eu pego às vezes quando estou braba falo: “Vocês vão ver a hora que eu morrer, se vocês...”

<Q1> O que vai motivar o cumprimento da ameaça?

<Q2> Qual a ameaça?

<Q3> Por que colocarem flor e vela motiva o cumprimento da ameaça?

A3 F: Porque eu não gosto de flor e nem vela, sabe? Não gosto mesmo!

<A1> *Colocarem flor e vela no velório.*

<Q4> Por que não gosta de vela?

A4 F: Vela tem o cheiro ruim, né?

<Q5> Por que não gosta de flor?

A5 F: Flor tem um cheiro de defunto.

<Q6> Por que é ruim ter cheiro de defunto?

A6 F: Já sou uma defunta, agora ainda mais flor em cima de mim, aquele cheiro horrível assim no meu nariz.

A1' Ai Jesus! Né? Eu não quero não. Eu sempre digo aqui, né? Quando eu morrer eu não quero nem flor e nem vela.

A2 Se vocês forem pôr flor e vela no meu caixão, eu sempre falo, eu levanto do caixão, sento no caixão, faço todo mundo correr da sala.

Esse fragmento de conversa é antecipado por um momento onde F comenta o hábito das pessoas de tocarem as mãos de falecidos em seus velórios, os quais podem vir a se movimentar caso tenham ar em seus pulmões, fato esse que assusta F. Esse

assunto, aparentemente, faz com que o falante inicie uma conversa sobre em que situação ele se mexeria após morrer – no caso, se utilizarem velas e flores em seu velório, as quais detesta.

Uma observação bastante interessante que pode ser feita a respeito desse trecho de fala é que há um “salto” entre a segunda fala de F, “eu sempre digo brincando...”, e A3, porque grande parte da informação nessa porção do texto está implícita. Esse é um movimento comum em textos orais, já que, como mencionado antes, o interlocutor é responsável por uma parcela do sentido do discurso, pois preenche os espaços deixados pelo falante. Casos como esse são ausentes nos estudos de Van Kuppevelt, primordialmente por se focarem em textos escritos, contexto em que esse movimento não ocorre de igual forma. Assim, quando se utiliza essa perspectiva, que assume a existência de perguntas que desenvolvem o discurso, para a análise de textos orais espontâneos, é necessário muitas vezes supor a existência de mais de uma pergunta implícita, assim como repostas implícitas, caso não apresentado nas análises do autor. Isso ocorre no trecho de fala acima analisado, pois a segunda fala de F, que é finalizada com uma ameaça incompleta, é seguida por uma oração explicativa. Ao se olhar mais atentamente para o discurso, tendo em vista as possíveis intenções do falante, depreendem-se três questões implícitas, as quais conectam essas duas partes do discurso e regem o desenvolvimento do diálogo: <Q1>, <Q2> e <Q3>.

A resposta A3 abre uma discussão bastante interessante, pois tem um comportamento peculiar. Quando <Q1> é instaurada, faz-se necessária a existência de uma resposta quantitativa que a resolva. O que segue <Q1> é, no entanto, uma oração explicativa, A3, ou seja, uma extensão qualitativa de valor explicativo. É a partir de A3, contudo, que se infere a resposta quantitativa <A1>, “colocarem flor e vela no velório”, indispensável para Q1, que resulta satisfatoriamente respondida em termos quantitativos, já que toda informação necessária foi especificada. Como já dito, a resposta A3, em seu sentido literal, tem valor qualitativo, pois justifica o cumprimento da ameaça feita: a falante não quer flor e vela porque não gosta desses artigos – respondendo, portanto, a uma nova questão, <Q3>, “Por que colocarem flor e vela motiva o cumprimento da ameaça?”. Assim, é apenas através do sentido inferido de A3 que obtemos a resposta necessária para <Q1>.

Esse é um ponto instigante para a análise, pois revela que comentários a perguntas podem ter um duplo papel, sendo quantitativos e qualitativos ao mesmo

tempo. Essa dupla função só é possibilitada pelo significado que a frase adquire quando aplicada ao contexto, que leva à observação de um nível literal e outro inferido. A inferência, “colocarem flor e vela no velório”, responde quantitativamente uma das questões-tópicas e dá sentido à existência da extensão qualitativa, por conseguinte. Esse tipo de configuração desafia as noções de direcionalidade, já que essas estão intrinsecamente ligadas às noções de qualitativo e quantitativo. Em casos como esse, conceitos como *forward* e *backward* perdem parte de sua relevância, porque se observam diferentes funções pragmáticas para um mesmo segmento e, logo, diferentes direcionalidades, impossibilitando a análise proposta por Van Kuppevelt.

Há ainda uma inversão da lógica apreendida dos exemplos de Van Kuppevelt no que concerne às características da direcionalidade *forward*. De acordo com os trechos de texto analisados pelo autor, a direcionalidade *forward* ocorre quando é necessária uma maior especificação de resposta quantitativa, dada através de outras respostas quantitativas. Não há, portanto, casos em que respostas qualitativas antecedam as quantitativas. Ao se assumir que A3 é o comentário qualitativo associado a <A1>, que é inferida a partir de A3, assume-se também a possibilidade de extensões qualitativas precederem as quantitativas em movimentação *forward*. Ainda que tal inversão não ilustre a configuração mais corriqueira de textos falados no geral, ela caracteriza uma variação informal de português brasileiro que denota naturalidade e eficiência, já que não prejudica de forma alguma a comunicação entre os falantes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou oferecer alguma contribuição para os estudos de organização discursiva de textos falados, especialmente. Para isso, tomaram-se como ponto de partida os estudos de Van Kuppevelt (1995a; 1995b; 1996), os quais partem das estruturas informacionais tópico e comentário para a análise da hierarquia discursiva. Nessa abordagem, tópico e comentário são motivadores do desenvolvimento do discurso, pois esse é formado por perguntas (os tópicos), às vezes implícitas, e respostas (os comentários). Há, ainda, uma questão-tópica principal, a qual abre um escopo de indeterminação a ser resolvido e instaura um programa a ser seguido no

discurso, a fim de satisfazê-la. A satisfação pode se dar de duas formas: qualitativa ou quantitativamente. Essas duas noções influenciam os tipos de direcionalidade do discurso, que pode ser *forward*, *backward* ou ainda bidirecional. A direcionalidade está diretamente relacionada à resposta mais satisfatória para a questão-tópica: se *forward* (de cima para baixo), a resposta mais satisfatória se dá ao final; se *backward* (de baixo para cima), a resposta mais satisfatória foi dada no início, mas houve novas elaborações após; se bidirecional, a resposta mais satisfatória é dada em estágios, de modo que as partes do discurso colaboram igualmente para a satisfação da questão-tópica vigente. Os conceitos elaborados pelo autor, com destaque os explicitados acima, foram norteadores dessa pesquisa.

A metodologia adotada foi a análise qualitativa de dois trechos retirados de entrevistas sociolinguísticas do Projeto VARSUL, a fim de investigar a aplicabilidade da teoria elaborada por Van Kuppevelt a textos falados, uma vez que seus estudos se restringem à análise de textos escritos ou diálogos construídos. Para tal, utilizou-se a formalização proposta pelo autor em seus artigos, com algumas adições e modificações, necessárias pelo tipo de texto que se estudou.

Com este estudo verificou-se que a teoria proposta pelo autor pode servir como base de análise de textos falados, pois é um modelo de investigação que oferece interessantes respostas acerca do funcionamento de textos no geral, inclusive os de língua falada. Uma dessas respostas é o fato de textos possuírem uma hierarquia interna correspondente à estrutura tópico-comentário, a qual faz transparecer, em textos falados, questões como inferências realizadas pelos falantes, intenções e objetivos etc. Assim, ajuda-se a esclarecer por qual motivo ocorrem problemas de comunicação, como no trecho de fala 1 deste trabalho, e até mesmo porque não ocorrem, se usualmente há uma considerável parcela de conteúdo implícito na fala.

A transposição do modelo da escrita para a fala apresenta alguns desafios, no entanto. O primeiro deles diz respeito às questões implícitas: de acordo com o autor e os exemplos trazidos em seus textos, normalmente há apenas uma pergunta implícita facilmente inferível. São casos em que o falante faz suposições sobre as questões que estejam sendo feitas pelo interlocutor. Nos exemplos analisados, contudo, percebe-se que questões implícitas não são necessariamente antecipações de dúvidas do interlocutor. Em alguns casos, o falante, com seus enunciados, apenas permite inferir

perguntas tópicas que, de acordo com aquilo que sabe a respeito de seu interlocutor, considera que sejam de seu interesse, mas não dúvidas efetivas. No trecho 1 analisado, por exemplo, a questão a ser inferida tem valor retórico, pois não há, realmente, dúvidas acerca da dificuldade de se criar sete filhos; ela motiva, no entanto, o diálogo, reforçando o tópico a ser discutido. Outro aspecto observado sobre as questões implícitas é a possibilidade de inferência de mais de uma questão em determinados contextos, já que o espaço a ser preenchido pelo interlocutor em sua interpretação é bastante amplo. Esse é o caso do trecho de fala 2, em que as duas questões-tópicas que regulam o desenvolvimento do discurso não são explicitadas – fato esse que não prejudica suas resoluções.

O segundo aspecto a ser observado está relacionado às noções de direcionalidade. Para se afirmar qual a direcionalidade de um trecho específico, é necessário avaliar qual o formato desse trecho em relação à resposta quantitativa satisfatória para a resolução da questão-tópica. Entretanto, se segmentos podem apresentar uma dupla função, como ilustrado no trecho 2, o critério fundamental para a direcionalidade se torna difuso, o que constitui, pois, uma dificuldade de análise, já que o autor considera a direcionalidade uma característica intrínseca a textos. Além disso, os discursos falados aqui investigados questionam a lógica depreendida a partir dos contextos trazidos por Van Kuppevelt, em que repostas de cunho qualitativo, que geralmente possuem um papel mais complementar, não precedem as respostas quantitativas – as mais completas para a resolução da questão-tópica em jogo. A partir das análises feitas, percebeu-se que é possível que um comentário qualitativo apareça antes do quantitativo. Essa organização pode não ser a mais comum, mas está normalmente presente na fala, em que há maior flexibilidade de organização e maior possibilidade de inferências. Assim, a fim de adaptar essas estratégias de análise textual a textos falados, devem-se reconsiderar os padrões de organização apresentados pelo autor, de modo a reconhecer a viabilidade de extensões qualitativas serem anteriores às quantitativas e a dupla função que comentários podem adquirir em determinados contextos, motivando assim formalizações específicas para tais casos.

A partir dessa investigação, observou-se ainda a existência de papéis para extensões qualitativas: há aquelas que têm função explicativa, porque adicionam uma informação de cunho justificativo a uma resposta dada; outras têm função causal, já que ilustram uma resposta dada com a causa para sua existência. Essa observação é bastante

pertinente nos estudos de língua falada, já que falantes constantemente elaboram qualitativamente seus discursos, criando subestruturas com narrativas, por exemplo, a fim de provarem um ponto de vista. Assim, em trechos como o número 1, em que há mais de uma extensão qualitativa, torna-se parte fundamental da análise identificar as diferenças entre elas, a fim de entender por quais motivos existem e de que maneira colaboram para a organização e desenvolvimento do discurso.

Espera-se, portanto, que o presente trabalho ofereça ferramentas de estudo de trechos de fala, visto que discute a eficácia de uma teoria bastante relevante no campo da organização discursiva. Acredita-se que este estudo possa colaborar para o aumento do escopo de uso da teoria de análise de textos de Van Kuppevelt, por apresentar propostas de formalizações a partir dos conceitos do autor, junto de avaliações não somente a respeito dos trechos de fala, mas também da aplicação desses conceitos nesse contexto tão desafiador. As problematizações aqui feitas tiveram como principal objetivo, pois, não apontar falhas do aparato teórico de Van Kuppevelt, mas oportunizar discussões relevantes sobre sua transposição para textos falados e destacar sua pertinência nesse âmbito, mesmo quando necessárias algumas adaptações.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LAMBRECHT, K. **Information structure and sentence form.** Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

VAN KUPPEVELT, V. **Discourse structure, topicality and question.** Cambridge University Press. The Netherlands, 1995a.

VAN KUPPEVELT, V. **Main structure and side structure in discourse.** Linguistics 33. 1995b.

VAN KUPPEVELT, V. **Directionality in Discourse: Prominence Differences in Subordination Relations.** Oxford University Press. 1996.